

Córrego do Lenheiro, uma lenta agonia

"POR FIM / A ÁGUA ESCORRE CADA VEZ MAIS SUJA / A HISTÓRIA SEGUIE O SEU CURSO E, / COM UM PRAZER CADA VEZ MAIOR, / NÓS, PÔNCIOS PILATOS, CONTINUAMOS A LAVAR AS MÃOS..."

JOSÉ ANT. DE ÁVILA SACRAMENTO

Uma das relíquias do patrimônio natural sãojoanense está à beira da UTI. Para que tenhamos uma idéia, em quase 300 anos de história da cidade, podemos avaliar que o Córrego do Lenheiro permaneceu belo e relativamente limpo até bem pouco tempo; foi a partir de fins do séc. XIX e início do séc. XX que a poluição de suas águas se tornou um problema sério, agravando cada vez mais, até chegar ao estágio atual. O arraial fundado por Tomé Portes foi crescendo assim meio que desordenadamente, se industrializando (?) e o esgoto foi sendo canalizado para o leito do Córrego, sem nenhum planejamento.

Nos primórdios da cidade a água usada na higiene pessoal, lavagem de utensílios e dejetos, era lançada pela janela, com a única restrição de que a dona de casa ou suas escravas(os) gritassem bem alto: "lá vem água!", a fim de se evitar que um distraído tomasse um "banho" indesejado. Posteriormente, nas ruas da cidade, começaram a existir valas desordenadas que cresciam meio fedorentas. Houve também a imitação de hábitos da Corte, copiado pela elite sãojoanense, que "importava" todos os modos e costumes da população do Rio de Janeiro: a parte mais mal cheirosa era colocada em penicos e jogada em espécie de fossas sépticas, sendo que a classe menos favorecida, maioria do povo, "fazia no matto mesmo". Posteriormente, (seguindo também hábitos do R.J, onde os excrementos eram colocados em potes chamados "tigres" e conduzidos por escravos até às margens da Baía da Guanabara), os dejetos eram aqui também depositados nestes potes e carregados por escravos até às margens do Córrego do Lenheiro, onde eram lançados. Decerto que devia ser engraçada a preocupação dos sãojoanenses daquela época que,

ao caminharem à noite pela Rua Direita ou Rua da Intendência, mal iluminadas por precários lampiões de azeite, temiam esbarrar com aqueles escravos conduzindo os "tigres" e serem *presenteados* com um monte de sujeira. Vale aqui lembrar uma observação do meu mestre, historiador Antônio Gaio Sobrinho: "o termo *enfezado* - que hoje significa 'pessoa com muita raiva' - deriva, certamente, do fato daqueles escravos que, carregando os potes (tigres) cheios de fezes (enfezados), não deviam caminhar alegres mas com a fisionomia aborrecida, descontentes com aquela incômoda situação".

A indignação da população quanto à falta de limpeza da cidade começou a surgir, juntamente com epidemias de varíola, febre amarela, cólera..., o que levou o povo a requisitar um serviço de limpeza mais amplo, canalização dos esgotos e também da água. Começou assim a crítica história dos esgotos de São João d'El-Rey e a continuação da poluição do Córrego do Lenheiro.

Além de poluirmos cada vez mais o Córrego através dos esgotos, por outro lado fomos também responsáveis pela degradação da natureza, o que a impede de absorver a poluição. Aterros, obras indevidas, desmatamentos, mudança do seu curso original e outros diversos fatores também ajudaram a tirar a vida do Córrego, diminuindo o nível de oxigênio de suas águas, eliminando fauna e flora. Os antigos (da família e outros), se lembram ainda do cheiro da lenha de candeia, queimada nos fogões da Rua da Prata: "lenha de primeira, freguesa!!!", anunciavam as lenheiras... A serra era coberta de candeias, finas, elegantes e desaparecidas nos fogões e fornos, tanto caseiros como de hotéis, padarias, fábricas e de certo que também quartéis. Esse é o nosso passado... antiecológico, um de nossos crimes coletivos. A falta de espaço em uma cidade "espremida" em um vale, entre serras e morros, possibi-

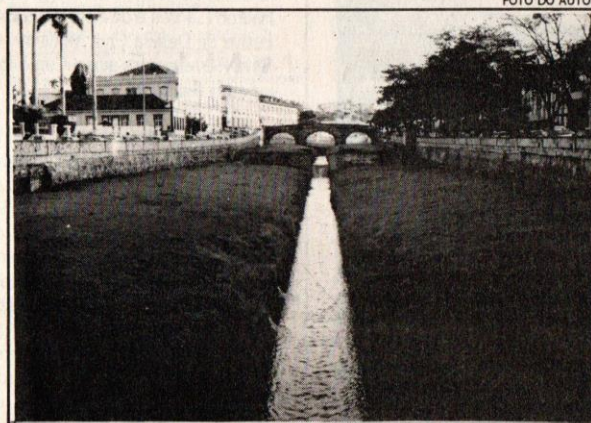


FOTO DO AUTOR

Aspecto do Córrego do Lenheiro

litou também que toda sorte de poluição fosse lançada ao Lenheiro, aproveitando a comodidade e, também, a lei da gravidade. A situação se agravava e tomou forma a partir de fins dos anos 50 e início da década de 60, até os dias atuais. Com a canalização de parte do Córrego foi resolvido um problema estético, mas foi canalizado um verdadeiro "esgoto a céu aberto". Os afluentes Rio Acima, Água Limpa e Águas Férreas foram sofrendo, cada vez mais, dos mesmos males...

Felizmente, nos dias atuais, está havendo uma preocupação maior com essa situação e a Prefeitura, através do DAMAE, já estuda a viabilização de projeto para instalação de emissários de esgotos ao longo do Córrego e, num futuro próximo, a construção de uma Estação de Tratamento de Esgotos.

É necessário, pois, que as gestões em favor da despoluição (ou não poluição) do Córrego do Lenheiro sejam efetivadas. França e Inglaterra praticamente já despoluíram seus Rios Sena e Tâmisa, adotando duras leis

ambientais e impostos proporcionais à degradação, além de reformulação da rede de esgotos e tratamento dos mesmos. Assim também foi na Baía de Tóquio (Japão). Em países do Primeiro Mundo, empresas poluidoras já respondem a violentos processos judiciais, com indenizações que são revertidas em favor da recuperação dos cursos d'água. No Brasil são exemplos de ações despoluidoras as que estão em curso nos Rios Tietê e Paraíba, dignas de registro. Vale também mencionar o "Projeto Rio Limpo", que visa salvar o Rio das Mortes, do qual o Lenheiro é um dos principais poluidores. Guardadas as devidas proporções, financeiras e culturais, estes são exemplos a serem seguidos antes que o histórico Córrego do Lenheiro, um dos símbolos da cidade, agonize sem perspectivas de salvação.

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei

Jornal TRIBUNA SANJOANENSE

São João del-Rei/MG, ano XXX - Edição 993, 31 de agosto de 1999, pág. 2

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil